

Letícia Chedid Seidinger

Zabalza, M.A. *O ensino universitário: seu cenário atual e protagonistas*. Porto Alegre: Artmed, 2004. 239p.

Capítulo 1. A universidade: cenário específico e especializado de formação

(...) está se dizendo às universidades que não se contentem em apenas transmitir a ciência, mas que a criem (isto é, elas devem combinar a docência e a pesquisa); que deem um sentido prático e profissionalizante para a formação que oferecem aos estudantes; que façam tudo isso sem se fechar em si mesmas: façam-no em contato com o meio social, econômico e profissional com cuja melhora devem colaborar. (p. 20)

Houve muitas alterações na educação superior durante esses últimos anos: da massificação e progressiva heterogeneidade dos estudantes até a redução de investimentos; da nova cultura da qualidade a novos estudos e a novas orientações na formação (fundamentalmente a passagem de uma orientação centrada no ensino para uma orientação centrada na aprendizagem), incluindo a importante incorporação do mundo das novas tecnologias e do ensino a distância (...). (p.22)

Certamente, a massificação é o fenômeno que mais se destaca na transformação da universidade e o que mais teve impacto sobre sua evolução. (...). (p. 25)

Chegada de grupos de estudantes cada vez mais heterogêneos quanto à capacidade intelectual, à preparação acadêmica, à motivação =, às expectativas, aos recursos financeiros, etc. (...) aumento do número de mulheres (...) diversificação das idades (...) surgimento de indivíduos que já estão no mercado de trabalho (...) (p. 26)

Necessidade de contratar, de forma também massiva, novos professores (...) o que tem efeitos importantes sobre a capacitação de novos professores, sobre suas condições de trabalho, sobre a atribuição das funções a serem desenvolvidas por eles (...). (p.26)

Surgimento de sutis diferenças quanto ao *status* dos diversos cursos e das instituições universitárias onde eles são oferecidos (...) (p.26)

Por falta de um apoio financeiro incondicional por parte dos poderes públicos, as universidades tiveram de curvar-se aos novos critérios que esses poderes foram impondo a elas no desenvolvimento de sua atividade e na administração de recursos:

- busca de novas fontes de financiamento através de contratos de pesquisa e assessoria a empresas (...)

- aumento do número de alunos matriculados (...) (p. 27)

No atual cenário, a universidade desempenha um papel importante no processo de formação, mas não o encerra: a formação é iniciada antes de se chegar à universidade, é desenvolvida dentro como fora da sala de aula, continuando após se ter alcançado o título correspondente por meio da formação permanente (...) (p.28)

(...) é evidente a necessidade de reforçar a dimensão pedagógica de nossa docência para adaptá-la às condições variáveis de nossos estudantes. Impõem-se a nós a necessidade de repensar as metodologias de ensino que propomos a nossos estudantes (...); a necessidade de revisar os materiais e recursos didáticos que colocamos à disposição dos alunos a fim de que facilitem sua aprendizagem; a necessidade de incorporar experiências e modalidades diversas de trabalho de tal forma que os próprios alunos possam optar por níveis de aprofundamento na disciplina de acordo com sua motivação e orientação pessoal. (p. 31)

(...) a docência universitária precisa de uma série de atividades antes e depois da aula que garantem seu sentido didático. Por outro lado, é curioso como aceitamos de bom grado os requisitos formais quando se trata da pesquisa (...), mas como rejeitamos, por considerá-los desnecessários, quando se trata da docência. (p.32)

Na cultura do final de século, não só a palavra por si mesma como também a consciência de que a formação é imprescindível, resultou na incorporação da educação superior ao planejamento de vida dos indivíduos. (p.36)

A importância da formação deriva, a meu ver, de sua necessária vinculação ao *crescimento* e ao *aperfeiçoamento* das pessoas, aperfeiçoamento que tem de ser entendido em um sentido global: crescer como pessoas. (...) (p.39)

A ideia de *aperfeiçoamento*, de *desenvolvimento pessoal*, entre outras costuma ser atribuída comumente ao conceito de *educação*. Dessa maneira, é possível estabelecer uma contraposição entre o que é *educação* (mais vinculada ao desenvolvimento pessoal, à aquisição de novas capacidades, à incorporação da cultura, etc.) e o que seria *formação* (algo mais pontual e funcional, direcionado à aquisição de habilidades específicas vinculadas, normalmente, ao mercado de trabalho). (p.39)

(...) a formação deve servir para qualificar as pessoas. (...) (p.41)

(...) tem sido constante vincular a formação universitária ao desenvolvimento da capacidade crítica dos estudantes (...). Essa independência intelectual que constitui a marca da maturidade sempre foi um valor que fez parte da formação universitária. (p.44)

(...) o importante é ver em que parte do *continuum* entre um pólo (o indivíduo) e o outro (o mundo que o cerca) se situa cada proposta formativa. (p.46)

(...) a formação não é concebida com o um direito de todos os cidadãos para se desenvolverem plenamente tanto pessoal quanto profissionalmente, mas como um direito ou uma necessidade do sistema para qualificar sua mão-de-obra e elevar a sua capacidade produtiva e, indiretamente, do próprio sistema o que, na verdade, é justo e pertinente, porém essa resposta às necessidades sociais não deveria ser feita à custa do sacrifício das demandas dos próprios indivíduos. (p. 47)

(...) hoje em dia, começa a predominar a ideia de que é preferível, inclusive do ponto de vista dos empregadores, que os indivíduos tenham uma formação geral suficientemente ampla e polivalente a ponto de permitir a mobilidade profissional. (p. 49)

A ideia de uma formação “completa” ao estilo renascentista entrou em crise por pura impossibilidade material. Os campos científicos e os espaços profissionais foram se diversificando até se tornar impossível abordá-los por completo. Disso derivou uma tendência à especialização e à subdivisão de competências e formaram-se novas redes de vínculos e complementações: surgimento de novas profissões, criação de cursos mistos (...), estrutura curricular por módulos, etc. (p. 56)

O mercado oferece constantemente novidades técnicas em cada uma das áreas profissionais. Por melhor que tenha sido a formação inicial recebida pelo profissional, ela é sempre insuficiente para responder à altura às exigências de seu trabalho. (p. 57)

(...) A sociedade deixou de ser um nicho estável em posição de espectadora para se transformar em uma autêntica efervescência de mudanças e transformações constantes. Por isso, é apropriado chamá-la de *sociedade da aprendizagem*. Porém, deve-se ter em mente que, quando falamos em aprendizagem, estamos longe de nos referirmos ao *conhecimento* padronizado tradicionalmente vinculado à academia e a seus textos e tópicos, o qual devemos assimilar com o intuito de superar os exames. Por esse motivo, a *formação contínua* tem sentido apenas se o próprio conceito de universidade e da missão formativa, que a ela atribuímos, for ampliado (...) (p.58)

(...) é preciso que se tenha um entendimento mais abrangente de aprendizagem, no qual ela é vista como parte e todas as nossas experiências (em vez de algo restrito aos conteúdos escolares ou acadêmicos) e como um processo contínuo (em vez de algo restrito ao período escolar ou universitário). (p. 60)

Para muitos, a escola (como um todo) e a universidade (em maior medida) são mecanismos sociais cuja função é selecionar os melhores. Portanto, aqueles que não podem acompanhar o ritmo por elas estabelecido deverão buscar outros caminhos. Essa concepção de

escola-obstáculo está muito enraizada na nossa visão de aprendizagem escolar e, principalmente, nos mecanismos de avaliação empregados. (p. 61)

Frente a uma educação superior cuja tendência foi, às vezes, se basear no poder da memória e na simples transmissão de conhecimentos e competências preestabelecidos, é fundamental reforçar o papel e a importância que adquirem outras capacidades mais complexas e, na verdade, mais necessárias às pessoas a fim de que se mantenham em um sistema aberto de aprendizagens: a capacidade de lidar com a informação e de resolver problemas, a criatividade, a capacidade de planejamento e avaliação de processo, etc. (p.62)

(...) O sistema convencional de transmissão de informação por parte do professor, que parte dos estudos sobre livros-texto, é, hoje em dia, superado: novos meios e novos recursos técnicos cumprem melhor que os professores essa função transmissora; ao contrário disso, torna-se necessário um papel mais ativo dos professores como orientadores e facilitadores da aprendizagem. O acúmulo quase infinito de informações que os estudantes atuais recebem por dia nem sempre é bem assimilado e, por esse motivo, precisa dessa ação orientadora. Logo, o principal objetivo da formação é equipar os alunos com estratégias de integração das informações. (...) (p.62-63).

(...) É preciso levar em consideração, mais uma vez, que a universidade não tem como missão apenas equipar os sujeitos para o mercado de trabalho, mas também prepará-los para desfrutar a cultura e o ócio a que, sem dúvida, poderão dedicar uma parte importante de sua vida. (p.65)

(...) A posição e a missão da universidade no contexto da “sociedade da aprendizagem” (...) adquire uma orientação bem diferente: é uma universidade menos autossuficiente, mais preocupada em consolidar as bases do conhecimento do que em desenvolvê-lo por completo, mais comprometida com o desenvolvimento das possibilidades reais de cada sujeito do que em levar até o fim um processo seletivo do qual só seguem adiante os mais capacitados ou os melhores adaptados. (p.65)